

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

195

INSCRIÇÕES 716-718



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2019

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas

Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



A FUNERARY INSCRIPTION FROM LUCURGENTUM
(MORÓN DE LA FRONTERA, PROV. SEVILLA)

During a walk with his dog on the autumn fields near the military airbase of Morón, the walker noticed two small fragments of a slightly inscribed marble slab on the ground.¹

Taking them into his hands, he recognized that it are two conjoining fragments of the upper right corner of an ancient marble slab with the dimensions 13 by 12.7 cm, depth ranging from 3.3 to 3.7 cm. Its left as well as the lower part are lost. The back side is only worked roughly, the surfaces of the original edges both on the top and right are smoothed, as well as the front, which surface was originally polished. There we can read four lines with slightly engraved letters.

The lettering is influenced by cursive forms, and is somewhat irregular in height and drawing. Height of the letters in line 1: 3 cm; line 2: 1.1 to 1.4 cm, height of the S 2.1 cm; line 3: 1.3 to 2 cm, the X is 2.6 cm tall; and in line 4 from 1.3 to 1.7 cm. Punctuation in the form of hederæ can be observed in line 1, and dots in line 3.

The approximate width of the panel can be calculated. As

¹ Since the discovery of an inscribed statue base (CILA II 1209) in 1951, during works on the military air base near Morón de la Frontera, mentioning the *sevir M. Helvius Anthus Lucurg(entinus)*, who was honored by the *ordo splendidissimus Lucurgentinorum*, it is widely accepted that the ancient settlement situated there was *Lucurgentum*.

the first line starts with the right half of the central letter M, which was part of the common Roman funerary formula D M S, it can be concluded that the slab was broken vertically in its middle. Therefore, the former width of the whole slab should have been around 26 cm. Its original height can only be broadly estimated. A look on the surviving text of this titulus sepulcralis leads to the conclusion that apparently only the last line is lost. With this in mind, the total height of the slab can be estimated to around 15-16 cm. The following text can be read:

[-] M • S •
 [- -] ATIANVS
 [- -] NNIS • X •
 [- -] + II DIE VI
 [- -]

Line 4: + upper end of an ascending line.

Because the slab is broken vertically through its centre, the number of lost letters in each line can be estimated without any difficulty. Therefore, the inscription can be reconstructed as follows:

[D(is) •] M(anibus) • s(acrum) •
 [- -] atianus
 [vixit a]nnis • X •
 [mens(ibus)] VII die(bus) VI
 [t(e) r(ogo) p(raeteriens) d(icas) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) or
 h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)]

In line 1 the common abbreviation D M S can be reconstructed without doubt.

The name of the deceased boy was written in line 2. Unfortunately, it is not possible to give a satisfactory reconstruction of this line, where only the end of the cognomen -atianus has survived. There is space for up to seven letters on the lost left side, so that a great number of cognomina, e. g. Rogatianus, Sedatianus, Honoratianus, Optatianus, Gratianus, Quadratianus, Fortunatianus, Donatianus, Horatianus, Datianus,

Statianus, etc. would fit.² If we would reconstruct a cognomen like Datianus, Gratianus or Statianus, then there would be space for c. 5-6 more letters, enough for an abbreviated praenomen and a very short or abbreviated nomen gentile. But if the cognomen of the boy aged 10 was Rogatianus, Sedatianus, vel sim., then there is a great probability that only an abbreviated gentilicium should be reconstructed, for instance AEL for Aelius.

There is no doubt that line 3 started with the fully written verb *vixit*, followed by the age of the deceased. Between the indication of the years, *annis X* at the end of line 3, and the days he lived, *die(bus) VI* at the end of line 4, undoubtedly the number of months was indicated. At the beginning of this line only the upper end of an ascending line can be seen, which theoretically was either a X or a V. As it does not make sense to reconstruct *mensibus XII*, at the beginning of line 4 *mensibus VII* must have been incised. Taking into consideration that there was space for approximately up to 7 letters on the left side of line 4, both *mensib(us)* and (the more common) *mens(ibus)* are possible reconstructions.

If we take a look at similar inscriptions from the *conventus Hispalensis*, e. g. CIL II 1274 and CILA 594 (both from Coria del Río / Caura) or CILA 1222 (from Montellano / Callet), we can largely rule out the possibility that there was e. g. a second name in the lost area beneath the surviving fragment. Therefore, only the last line seems to be lost. If we look at the funerary inscriptions of that area, more or less two reconstructions are most likely: either H S E S T T L = *h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)* or T R P D S T T L = *t(e) r(ogo) p(raeteriens) d(icas) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*.³ The latter can be observed, for instance, in the funerary inscription of a slave of Q. Postumius Calvinus, while a combination of both formulas, H S E T R P D S T T L, is incised on the funerary altar of L. Fabius Rufinus (CILA II 1213 and 1211).

² Cf. the *index inversum* of A. Mócsy, *Nomenclator provinciarum Europae Latinarum et Galliae Cisalpinae* (Budapest 1983).

³ For the latter formula see R. HERNÁNDEZ PÉREZ, *Poesía latina sepulcral de la Hispania Romana: estudio de los tópicos y sus formulaciones* (Valencia 2001) 245.

Letter forms and the use of annis instead of annorum suggest a date most likely in the third century A.D.

The number of ancient inscriptions known from Morón de la Frontera and its surroundings is quite small. With this new fragment the total number of Roman and Visigothic inscriptions from Lucurgentum raises to 16.

PETER ROTHENHOEFER ⁴

LI HONGLIANG ⁵



716

⁴ Department of History, Sun Yat-Sen University, Zhuhai Campus, China (p.rothenhoefer@yahoo.com).

⁵ Department of History, Sun Yat-Sen University, Zhuhai Campus, China (lih-liang5@mail2.sysu.edu.cn).

MILIÁRIO DE PRADOS
(VILA DA RUA, MOIMENTA DA BEIRA)

Está junto à beira da EN 226, a cerca de 20 metros a sul da capela de São Domingos, Prados (freguesia de Vila da Rua, Moimenta da Beira), em cima do muro de uma propriedade privada, que pertence a uma casa solarenga, uma coluna de granito que, pela sua forma, aparenta ter sido miliário romano (FIG. 1). Identificámo-lo em 2002.

Dimensões: 1,20 m de altura e 1,24/1,52 de perímetro.

Tem forma cilíndrica, como é de uso, e superfície alisada, sendo o diâmetro da face superior mui levemente menor que o da base, o que lhe confere alguma graciosidade.

Foi aproveitada como pedestal de cruzeiro (FIG. 2), quiçá para demarcar o recinto da capela. A cruz tem 90 cm de altura, 55 no braço transversal e a espessura varia entre 11 e 13,50 cm. Recorde-se, por outro lado, que é na fachada desse templo que se encontra encastrada a estela funerária romana de *Vegetus Marii filius*, datável de meados do século I d. C.¹

Se o miliário chegou a ter texto, como parece, ele está agora imperceptível a olho nu, também devido à abundante pátina (Fig. 3) que as intempéries sobre ele foram criando, de modo que o poderemos considerar actualmente anepígrafo.

¹ CANHA (Alexandre), ENCARNÇÃO (José d') e SANTOS (José Carlos), «CIL II 427 revisitada», *Ficheiro Epigráfico* 179 2018 inscrição nº 677. <http://hdl.handle.net/10316/82835>

Mencionado na página www.viasromanas.pt, onde se procura identificar, através dos vestígios existentes, o traçado das vias romanas no território português, não foi, que saibamos, objecto de estudo epigráfico propriamente dito; por isso, o publicamos, para mais adequadamente ser integrado na série de testemunhos da época romana em que é fértil o território do concelho de Moimenta da Beira, como temos mostrado.²

Caso não tenha sido muito deslocado do sítio onde primitivamente foi implantado, será porventura atribuível à via imperial que ligava Viseu, capital de *civitas*, a Paredes da Beira (S. João da Pesqueira), eventual capital (a dos Arabrigenses?), e às *civitates* a norte de Douro, em torno de Chaves³; a passagem desta via justificará também «a densidade e a importância dos achados nessa zona, em particular de Moimenta da Beira» – para citarmos a passagem de um texto recente (Encarnação 2019, p. 242). Aliás, a propósito da localização da possível localização da citada capital dos Arabrigenses, João Luís da Inês Vaz sugere que «seria mesmo na área da maior concentração de achados» arqueológicos, ou seja, «no triângulo definido pelas povoações de Caria, Vide e Rua»⁴.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
JOSÉ CARLOS SANTOS

² Recordem-se, entre outros possíveis e além do atrás citado, estes textos recentes: SANTOS (José Carlos) e ENCARNAÇÃO (José d'), «Um *Colarnus* em Moimenta da Beira», *Ficheiro Epigráfico* 177 2018 inscrição nº 672 (acessível em <http://hdl.handle.net/10316/81366>); SANTOS (José Carlos) e ENCARNAÇÃO (José d'), «Epígrafe funerária de Ariz, Moimenta da Beira», *Ficheiro Epigráfico* 179 2018 inscrição nº 676 (acessível em <http://hdl.handle.net/10316/82834>); ENCARNAÇÃO (José d'), «Uma epígrafe inventada por Frei Bernardo de Brito», *Biblos* 5 (3ª série) 2019 p. 232-251 (acessível em <http://hdl.handle.net/10316/87764>).

³ MANTAS (Vasco Gil), *As Vias Romanas da Lusitânia* [Série *Studia Lusitana* nº 7], Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 2012, p. 245.

⁴ VAZ (João L. Inês), «Elementos para o estudo dos *fora* das cidades do Norte da Lusitânia», in NOGALES BASARRATE (Trinidad), *Cidade e Foro na Lusitânia Romana*, série *Studia Lusitana* nº 4, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 2010, p. 318.



1



2



3

LARES CALLACIENSES

Fragmento de un ara de granito muy mutilada, ya que está falta del basamento y de la corona solo queda la parte central de las molduras de transición desde el neto. Este, afortunadamente, se conserva prácticamente íntegro salvo por algunos golpes que han arrancado porciones de los bordes del letrero y la última línea, que debió desaparecer junto con la basa. Mide (36,5) x (16,5) cm. Al estar incluida en el muro interno de un edificio, estaba encalada y aunque eso no impedía ver la parte central de la dedicatoria, fue necesario limpiar la cal y la argamasa de los bordes para determinar las dimensiones de la piedra y descubrir los extremos de cada renglón (Foto 1). Por desgracia, el texto no está íntegro pues como ya se ha dicho, faltan los comienzos y finales de cada línea y se ha perdido el último renglón con la terminación del epíteto divino y la fórmula consagratória. Capitales rústicas regulares y bien grabadas, que miden 3,7-3,5 cm. Interpunción circular¹.

Descubierta por uno de nosotros en la pared de una dependencia auxiliar del domicilio de un familiar, en Mata

¹ Este trabajo se ha llevado a cabo en el grupo de investigación ORDOAlcalá. A. Durán, además del descubrimiento y limpieza de la pieza, realizó la autopsia y es autor de las casi 50 fotografías que documentan minuciosamente el hallazgo, las características del monumento y permitieron su modelización digital. J. L. Gómez-Pantoja, aparte de redactar esta nota, es el responsable del tratamiento digital de las imágenes y de la lectura y la documentación del epígrafe.

de Alcántara, Cáceres, donde sigue. Se desconoce, por el contrario, el lugar original del hallazgo² (Foto 2).

Modest-
us · Tangi
ni · f(ilius) · Lari-
bus · Calla-
5 ciensib-
[us v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)]

La onomástica del dedicante es vulgar: *Modestus* fue un nombre muy popular en Lusitania y en otros lugares, porque refiere a una apreciada cualidad moral; y del patronímico del dedicante hay más de cien testimonios en Lusitania³.

En cambio, el formulario del epígrafe se aparta de lo corriente en cuanto que relega el teónimo al final del mismo; pero esa práctica parece haber coexistido con la habitual en Mata de Alcántara y otros lugares vecinos⁴. Igualmente, es inédito el epíteto divino; el culto a los Lares estuvo muy arraigado en el área galaico-lusitana, esto es, desde el valle del Guadiana hasta el Mar Cantábrico⁵. No faltan testimonios de la devoción en torno a Mata de Alcántara, ya que hacia occidente están atestiguadas ofrendas similares en Valencia de Alcántara, en el *territorium* de *Ammaia* y en la *Civitas Igaeditanorum*⁶; hacia oriente, los

² De esa localidad se conocían ya otros dos epígrafes: una dedicatoria a *Iuppiter Repul{t}sor*: Esteban Ortega 2007: 169-170, cat n° 225 (HEpOI 20347) y un fragmento de epitafio, hallado en el Pozo Viejo, junto al Camino Viejo de Villa del Rey (*Ibid.*: 170 cat n° 226; HEpOI 27590).

³ NAVARRO CABALLERO Y RAMÍREZ SÁDABA 2003, s.v.,

⁴ Como muestra el otro epígrafe votivo de la localidad, actualmente en el Museo de Cáceres (vid. supra nt. 2) y también varios altares procedentes de lugares vecinos: Alcántara, Brozas y Valencia de Alcántara, (ESTEBAN ORTEGA 2007, s. v.).

⁵ ALARCÃO *et al.* 1969; PORTELA FILGUEIRAS 1984; BELTRÁN LLORIS 1993; MARCO SIMÓN 2007.

⁶ Valencia de Alcántara: ESTEBAN ORTEGA 2007, cat nn° 385, 387 y 391 (HEpOI 20211, 20187 y 20212); Monforte, Portalegre: ENCARNANÇA 1995: 631-634 (HEpOI 20790); Idanha-a-Nova, Castelo Branco: GARCIA 1991: 359, cat n° 212 (HEpOI 24161)

hallazgos se intensifican: Albalá, Alcuescar, Ibahernando, Oliva de Plasencia e Ibahernando⁷. Del centenar de testimonios conocidos en las Hispanias, la mitad de ellos califican a los Lares como *Viales*, otros llevan epítetos genéricos como *Augusti* o *Patres* o carecen de él y al resto se les distingue con topónimos o etnónimos, porque su dispersión se limita a lugares concretos y ocasionalmente son transparentes, como sucede con el altar de *Capara* (Oliva de Plasencia), que honra a los númenes protectores de la *gentilitas Gapeticorum*⁸ y que tiene su paralelo en los *Lares Lubanc(i) Dovilonicor(um)* mencionados en un exvoto de *Conimbriga*, donde también se dio culto al genio de la propia ciudad *et Laribus eius*⁹. Y, por supuesto, hay también dedicatorias a los protectores de grupos sociales mayores, fueran unidades políticas, territoriales o étnicas, como sucede con los *Lares Callaeciarum*, atestiguados en *Lucus Augusti*¹⁰.

El nuevo epígrafe añade el epíteto *Callacienses* a la lista de los topónimos y gentilicios cuyo identidad o localización no está atestiguada en ninguna otra fuente.

JOAQUÍN L. GÓMEZ-PANTOJA ¹¹

ALBERTO DURÁN SÁNCHEZ ¹²

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. *et al.*, 1969: *Le culte des Lares à Conimbriga*, Paris.

ARIAS VILA, F. *et al.*, 1979: *Inscriptions romaines de la province de Lugo (Publications du Centre Pierre Paris, 3)*, París.

BELTRÁN LLORIS, F., 1993: “Culto a los Lares y grupos de parentesco

⁷ ESTEBAN ORTEGA 2007, 2012, 2013.

⁸ Oliva de Plasencia: CIL II 804 (HEpOI 19006).

⁹ Étienne *et al.* 1976: 30-31 cat n° 11 (HEpOI 22168-69).

¹⁰ Arias Vila *et al.* 1979: 47-48, cat n° 23 (HEpOI 19086).

¹¹ Universidad de Alcalá, gomez.pantoja@uah.es,

¹² Mata de Alcántara, alberdursan@gmail.com

en la Hispania indoeuropea ”, en M. Mayer y J. Gómez Pallarés (eds.), *Religio deorum: actas del coloquio internacional de epigrafía “Culto y sociedad en Occidente”*, Sabadell: 59-72, consultado el 2019-11-16.

ENCARNAÇÃO, J. d’, 1995: “A coleção epigráfica de Mário Saa no Ervedal”, *Humanitas* 47: 629-645. Disponible en: <http://hdl.handle.net/10316/25312>.

ESTEBAN ORTEGA, J., 2007: *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres, vol. I: Norba*, Cáceres.

———, 2012: *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres, vol. 2: Turgalium*, Cáceres.

———, 2013: *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres, vol. 3: Capara*, Cáceres.

ÉTIENNE, R. et al., 1976: *Fouilles de Conimbriga II: Épigraphie et Sculpture*, París.

GARCIA, J. M., 1991: *Religiões Antigas de Portugal. Aditamentos e observações às ‘Religiões da Lusitânia’ de J. Leite de Vasconcelos. Fontes Epigráficas*, Lisboa.

MARCO SIMÓN, F., 2007: “Within the Confines of the Romano-Celtic World. The Gods of the Roads”, en M. Hainzmann (ed.), *Auf den Spuren keltischer Götterverehrung. Aktes des 5. F.E.R.C.AN Workshop. Graz 9-12 Oktober 2003*, Wien: 197-205.

NAVARRO CABALLERO, M. y J. L. RAMÍREZ SÁDABA (eds.), 2003: *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordeaux. Disponible en: <http://adopia.huma-num.fr/es/>, consultado 2019-11-18.

PORTELA FILGUEIRAS, M. I., 1984: “Los dioses Lares en la Hispania romana”, *Lucentum* 3: 153-180. Disponible en: http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4486/1/Lucentum_03_07.pdf, consultado el 2019-11-17.

Foro: © Alberto Durán Sánchez 2015



Foro 1. Estado original de la pieza

Foro: © Joaquín L. Gómez-Pantoja 2018



Foto 2. Tras aplicar el filtro de reflectancia